

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO de Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

VOL. 11 Nº 1 - JAN./DEZ. 1991

A REGIÃO COMO RESULTADO DE MÚLTIPLOS PROCESSOS

Eunice Isaias da Silva*

RESUMO

O texto tem como enfoque a relação região-regionalismo. Utiliza-se para tanto uma visão de totalidade, onde o conceito de região é construído numa perspectiva de inter-relação de processos sociais, econômicos e políticos.

A partir da análise da criação da UDR (União Democrática Ruralista), questiona-se sobre a existência ou não de uma identidade regional da Região Centro-Oeste. Esta identidade é colocada como resultado do dinamismo dos elementos sociais e culturais que permeiam a relação espaço e política, influenciando assim, no recorte regional do território.

UNITERMOS: A criação da UDR em Goiás e o processo de identidade regional do Centro-Oeste.

*Mestranda da Pós-Graduação em Geografia da UFRJ
Professora do Campus Avançado da UFG em Catalão.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma tentativa de analisar a região como resultado de variados processos sociais, econômicos e políticos. É um viés de análise regional onde a sociedade mediada pela dimensão política e econômica especializa e individualiza o seu território.

"Tal abordagem permite interpretar o poder econômico que permeia as questões políticas inter e intra-regionais, muitas vezes, mascarado deliberadamente, por questões étnicas ou culturais, e possibilita relativizar este mesmo sistema econômico, através do poder de decisão das elites regionais e suas motivações particulares, especialmente, a luta pela preservação das posições de poder". (Castro, 1986, p. 42).

Inicialmente se analisará a relação Homem-Natureza e a construção da identidade regional, em seguida o enfoque será da influência do poder local na espacialidade do município e se abordará a questão da definição da região sob o ponto de vista do regionalismo e por último, questionar-se-á sobre a individualização e especificidade da constituição da Região Centro-Oeste e o possível relacionamento com a criação da UDR.

Em momento algum se teve a pretensão deste ser um estudo completo e finalizado, fornecerá, talvez, pistas para futuras pesquisas.

RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA E OS SÍMBOLOS DA IDENTIDADE REGIONAL

O homem ao se relacionar com a natureza, institui, também uma relação política com os outros homens. É uma relação mediada pelo trabalho, onde a sociedade produz o seu próprio espaço. Tanto o homem, como a natureza, agem dialeticamente dentro do processo de transformação - "o homem naturiza-se historicizando a natureza e historiciza-se naturizando a história". (Moreira, 1981, p. 80). E Mafessoli (1985, p. 67), nessa mesma base analítica coloca que "a dicotomia natureza/cultura é um falso problema. Na harmonia, a natu

reza é artificial tanto quanto a socialidade é natural".

Portanto, o processo de produção e reprodução do espaço é permeado pelas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Por isso, cada espaço é único, não se repete com as mesmas características. É o movimento da sociedade, isto é, a dinâmica social, que proporcionará a dimensão específica do espaço.

A estrutura de poder tem importância relevante na espacialização do território. O Estado no sentido gramsciano - Estado Ampliado - onde este é formado pela sociedade civil e sociedade política, constitui através de articulações, a hegemonia de poder para o domínio político referente a um determinado território.

A interação que existe entre espaço e sociedade é reforçada por laços comuns que unem os moradores da localidade. São os símbolos (traços étnicos, língua, religião, costumes, folclore), que forjam uma identidade regional, desencadeando um processo de resistência, que pode ser transformadora ou conservadora e que garante a especificidade espacial. Identidade regional seria, então, o resgate e adoção de símbolos como propriedade coletiva da sociedade de um determinado território.

Assim, a tentativa de homogeneização do Modo de Produção Capitalista recebe respostas diferenciadas nas diversas sociedades.

"Portanto, se centralização do poder e as determinações econômicas geram fatores homogeneizadores, a realidade regional - numa dinâmica em que a dialética entre conteúdo e forma define a objetivação do espaço regional - se impõe com suas particularidades, definindo e redefinindo constantemente sua identidade, sem perdê-la e sem se perder em um todo indiferenciado". (Castro, 1987, p.41).

Uma identidade regional pode ser forçada a e/ou direcionada para a legitimação do poder dirigente. Assim se deu na Guerra das Malvinas, na Argentina, quando com o uso do sentimento nacionalista, buscou-se reconstituir a popularidade do governo, que estava em descrédito.

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

Também no espaço do cotidiano, na socialidade (em casa, nos bares, nas praças,...), se exprime a relação tempo e espaço, pois "a espacialidade é o tempo em retardo, é o tempo que tentamos frear (...)" (Mafessoli, 1984, p. 57). Talvez caiba aqui um paralelo com as colocações de Milton Santos sobre as rugosidades, o velho permanecendo no novo. A resistência no espaço vivido.

E esta espacialidade do cotidiano, o arranjo espacial urbano, é permeado pelas decisões e influências do poder local.

O ESPAÇO DO PODER LOCAL

A escala de poder local é a administração municipal, representado pelas autoridades municipais.

Segundo Celso Daniel (1988), durante o Estado autoritário no Brasil, houve uma despolitização da sociedade com a monopolização do discurso coletivo e "despolitização" do Estado, conseqüentemente uma centralização do poder, esvaziando-se os municípios. E a falta de autonomia dos municípios, provocou uma ausência de participação da sociedade civil.

Porém, hoje quando os municípios alcançam um maior grau de autonomia, ainda a prática de democracia está longe de ser a desejada. A gestão municipal a qual utiliza para a sua legitimação o poder social (simbólico) e o poder econômico e político, continua em muitos locais com a prática do clientelismo e paternalismo. É comum o loteamento dos bairros da cidade, entre os vereadores como representantes dos locais onde foram mais votados.

"É comum também encontrar vereadores que expressam os interesses e os valores de diferentes modalidades de poder social: as elites locais ou os diversos movimentos sociais!" (Daniel, 1988, p. 37).

O exercício do poder local é mais direto, principalmente em cidades de menor porte, onde os elos de relações sociais são mais estreitos. Na festa de casamento, de aniversário, na igreja, na praça, as pessoas se deparam com o prefeito e com os vereadores; o que

torna mais difícil um confronto entre sociedade e poder e fica mais fácil a cooptação dos movimentos sociais.

"(...) essa esfera da gestão pública e controle político é a mais direta receptora e canalizadora - mediadora de conflitos, insatisfações, demandas e pressões da coletividade local". (Massolo, 1988, p. 41).

A legitimação do poder é buscada principalmente através do plano simbólico, o uso da cultura local como instrumento de poder. Geralmente esse simbólico é utilizado pelas elites econômicas para efetuar a eleição de seus representantes. É o caso dos prefeitos que quase sempre participam da equipe de jurados de concursos, festivos, ... estão sempre na festa da padroeira da cidade, etc...

Isto pode ser evidenciado no Estado de Goiás, através da prática inaugurada pelo então governador do Estado Iris Rezende, que utilizou o saber popular em benefício próprio, quando lançou mão do uso do mutirão - ajuda mútua dos trabalhadores rurais - (quando alguém está em caso de risco de perda da plantação, eles articulam com os vizinhos e no final promovem uma festa). Construiu, assim, mil casas em um dia e virou manchete no Brasil inteiro. E o mutirão tornou-se uma prática corriqueira e politiqureira, deste modo, um prefeito do interior de Goiás, promoveu o mutirão da capina e foi o primeiro a dar a enxadada para se "identificar" com o povo. Deformou-se totalmente um rico exemplo de solidariedade e socialidade, transformando-o em instrumento de transferência de obrigações, economia de mão-de-obra e de populismo.

Porém, a sociedade se move dialeticamente e está em constante mudança e já começa a exigir maior participação popular nas decisões da vida pública. Pois os instrumentos de poder usados pela elite para a produção do espaço urbano passam a ser pressionados pela sociedade, para uma efetiva transformação, democratização e transparência dos mesmos.

Contudo, deve-se considerar que o processo de democratização é lento e gradual e que as elites dominantes têm grande influência no desenho espacial, decidindo sobre a distribuição de bens de consumo coletivo (água, esgoto, asfalto, ...), localização de centros

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

decisórios, de área de lazer, de indústrias, escolas, etc... Assim, a hierarquização dos bairros reflete, em grande parte, a estrutura de poder. Na leitura dos símbolos espaciais se desvenda uma sociedade dividida em classes sociais com participação econômica, social, cultural e política, diferenciada. E mais, a utilização da identidade social para manutenção de poder, pode também ser evidenciada na relação regionalismo/região.

REGIONALISMO E A CONSOLIDAÇÃO DA REGIÃO

O exercício de poder pode ter uma dimensão econômica, ideológica ou política ou mesmo uma combinação geral destas três dimensões. Para a manutenção do poder são utilizados instrumentos de persuasão (ideologia) e/ou coerção (força), justificando, então, o domínio das elites, minoria privilegiada e organizada, sobre a massa. Essa elite em geral detém o poder econômico, faz parte e ao mesmo tempo se articula com a classe dominante local e nacional.

Com o objetivo de legitimar a sua dominação, as elites apropriam-se de identidades sociais para camuflar interesses específicos. Como exemplo pode ser citado o caso das elites nordestinas que utilizam do problema da seca como uma questão regional para conseguir verbas do poder central a fim de serem aplicadas em seu próprio benefício*.

O regionalismo pressupõe a existência da região, portanto um território definido. Pode ser latente ou manifesto, é a ameaça à estabilidade que traz à tona a questão da identidade regional, por exemplo o Apartheid na África do Sul. Pode ter aspectos conservadores, como a luta pela criação do Estado do Tocantins, no fundo era a busca do poder pelos grandes produtores rurais locais; ou progressistas, como a resistência dos indígenas para a reprodução material

*Ver: CASTRO, Iná Elias de. Política e Território: Evidências da Prática Regionalista DADOS (no prelo).

_____ O Mito da Necessidade, Discurso e Prática do Regionalismo Nordestino. Anuário do Instituto de Geociências, 1986.

e de valores étnicos e culturais, que dependem do reconhecimento do Estado e demarcação da reserva. O Regionalismo possui as características da elite que o dirige.

"A própria identidade regional é influenciada pelo comportamento das suas elites, em relação à própria região e em relação ao poder central e às outras regiões". (Castro, 1986, p. 38).

O espaço social do regionalismo é estruturado pela resistência cultural, política e ideológica, através da mobilização política - movimentos regionalistas - cujos membros territorialmente concentrados e diferenciados tornam evidente a diferenciação espacial.

No regionalismo transparece a força interior e a articulação com o poder central.

"Mas o regionalismo é antes de tudo um sentimento, um estado de espírito nascido da combinação de forças físicas e humanas que dão a uma comunidade, num certo quadro territorial, como que uma individualidade psicológica em relação a seus vizinhos". (Brito, 1986, p. 44).

A partir dessa individualidade que se dará a relação entre espaço e política. Castro (1986, p. 40) coloca que:

"(...) a interação entre espaço e política, numa relação em que cada um é simultaneamente determinante e determinado, encontra-se subsumida na prática política regional!"

E continua mais adiante:

"Regionalismo, portanto, supõe identificação e coesão internos e competição externa para defesa de padrões, preservação ou obtenção de condições mais vantajosas".

E é nesse sentido que Markusen (1981, p.83) destaca que:

"Mesmo que uma causa regional seja somente econômica

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

na sua natureza, seu objetivo é político, uma vez que ela se torna regionalizada precisamente através de uma reivindicação frente a uma instituição do Estado para uma mudança no tratamento das questões territoriais".

Dentro desta perspectiva a região é fruto dos elementos sociais e culturais do território e do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, o que remete a uma análise das relações de classe.

"As regiões percebidas como categorias geográficas, constituem na realidade, espaços vividos, diferenciados econômica e socialmente, interligados por importantes fluxos demográficos, econômicos e de poder". (Castro, 1986 p. 28).

Região é o suporte territorial da localização espacial das relações de poder, modos de vida, tradição, constituindo um corte no território nacional. É também uma entidade territorial, que possui dinamismo próprio e uma identidade de produção das condições históricas, numa relação dialética: integração/independência e homogeneidade/singularidade.

É embasado nos pressupostos acima que se questiona: a Região Centro-Oeste é apenas um recorte territorial do IBGE ou possui existência própria?

A UDR NO CONTEXTO REGIONAL DO CENTRO-OESTE

A Região Centro-Oeste, apesar de ser considerada por alguns estudiosos como um contínuo da Região Sudeste, possui algumas especificidades culturais, econômicas, políticas e naturais que lhe dão uma diferenciação espacial.

É uma região de povoamento bastante recente, se iniciou por volta do século XVII com a mineração de ouro em Goiás e posteriormente Cuiabá, cujo empreendimento foi das Entradas e Bandeiras (pau listas e mineiros). Foi um povoamento lento e esparso, onde várias cidades desapareciam quando se esgotavam os minerais (ouro e diamante).

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

A partir de 1930 e com a Marcha para o Oeste, no período do governo de Getúlio Vargas, há uma significativa migração de nordestinos, mineiros e paulistas para o cultivo do café. Outras atividades econômicas da região foram: o extrativismo no Norte de Goiás e Mato Grosso, alguns engenhos de açúcar, que coexistiam com a agricultura e criação de gado.

Com a construção de Brasília em 1960 acontece uma maior integração da região com o território nacional, abrindo espaço para sua modernização, maior participação na divisão inter-regional do trabalho e maior inserção na dinâmica do Modo de Produção Capitalista Brasileiro. E com a expansão do capitalismo a modernidade passa a coexistir com o arcaico.

Houve na região um prolongamento do regime de escravidão, que é relatado por Bruno (1967, p. 115) "Manutenção, em suma dos métodos vigentes do tempo do cativo recaiando sobre negros e brancos".

A grande extensão territorial facilitou a persistência do latifúndio, com seus desequilíbrios sociais. O coronelismo ainda persiste na região, o que é denunciado em algumas obras literárias, como nas do escritor Bernardo Elis, que no seu livro "A Enxada", demonstra o poder do coronel e o temor do seu peão, que lhe tinha uma dívida - teria de carpir um determinado trecho de terra dentro de alguns dias - mas ele não tinha enxada e sai a exaustiva procura de uma enxada. O tempo se exauria, o coronel pressionava e ele ficava cada vez mais desesperado. No último dia do prazo, como não tinha conseguido a enxada, passa a noite carpindo com a mão e quando o dia amanhece, o chão estava limpo e sua mão totalmente ensanguentada.

Os coronéis e seus jagunços ainda fazem parte da paisagem regional. A terra é expressão de poder. A base da economia é a agropecuária e é ela que gera as elites dominantes. O poder na região em suas diversas escalas é em sua maioria constituído por fazendeiros e/ou pessoas apoiadas por estes

O tipo característico regional é o boiadeiro. A cultura (folclore, linguagem, música, comida, costumes, tradições) reflete em grande parte o modo de vida rural.

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

Além disso existem também os aspectos naturais: clima tropical (uma estação seca, outra chuvosa); vegetação de cerrado (hoje, bastante depredado); muitos rios; não é banhada pelo mar e o solo do tipo latossolo.

É ainda na Região Centro-Oeste que se encontra uma estrutura fundiária de grande concentração de terras nas mãos de poucos e grandes disparidades na distribuição de renda, daí o número enorme de conflitos no campo.

Foi neste contexto que Iris Rezende se tornou Ministro da Agricultura e que foi gestada a União Democrática Ruralista (UDR), fundada em maio de 1985, no Estado de Goiás. Um projeto conservador de sociedade, em defesa da propriedade, da livre iniciativa e desafiando a democracia. Utilizando uma retórica modernista, mas empunhando uma bandeira de integridade pessoal, da moral e contra a corrupção. Defendendo que o País deve ser governado por empresários e produtores.

Seu primeiro presidente, o médico e fazendeiro Ronaldo Caiado, é filho de uma família tradicional de Goiás - uma oligarquia rural considerada pela imprensa a mais sangrenta da história. E de acordo com relatos da História oral, seus antepassados utilizavam de trabalho escravo, castravam, castigavam e matavam aqueles que lhes desafiavam a ordem. De sua família saíram dois governadores e vários deputados estaduais e federais. E Caiado, ao ser perguntado se seria candidato a uma vaga no Congresso, respondeu que provavelmente, pois desde 1945, pela primeira vez não havia um Caiado no Congresso.

Por meio de vários leilões de bois doados por fazendeiros, a entidade se estruturou e se expandiu rapidamente, principalmente por Goiás, São Paulo, Pará e Minas Gerais. "A entidade nasceu num momento e num espaço significativo: logo depois da proposta do PNRA e nos Estados mais representativos da pecuária". (CPT, p. 2).

Com a criação da UDR efetuiu-se a institucionalização do crime no campo, pois é grande o seu envolvimento com a violência e assassinatos na área rural, a maioria ainda impune.

E Caiado sabe se instrumentalizar com as identidades so-

ciais, mesmo sendo uma tragédia, que se observa na seguinte colocação:

"Não há também como negar sua habilidade política. Depois de associar pequenos e médios produtores fazendo-se acreditar que a luta deles é igual à dos grandes produtores e que seriam atingidos pelas desapropriações para a reforma agrária, Caiado tenta sensibilizar a população urbana, traumatizada com o acidente radioativo em Goiânia. No dia 12 de novembro, ele anunciou que está construindo um moderno centro de pesquisa sobre energia nuclear, afirmando em seguida: 'Não é justo o que estão fazendo com Goiânia e Goiás. Vamos medir cada palmo de terra e conhecer o quadro real de radiações'".
(CPT. p. 11).

Nas eleições para prefeito e parlamentares, a UDR apoiou candidatos de diversos partidos, desde que defendessem seus interesses. E foi através de articulações com parlamentares de variados partidos, que conseguiu pressionar e frear o processo de reforma agrária. São Paulo foi o centro nervoso de resistência à reforma agrária.

Quanto a eleição para Presidente da República, Caiado negou ser candidato durante muito tempo. Quando resolveu assumir sua candidatura, teve dificuldade em encontrar um partido que o aceitasse, devido em parte à proposta elitista e corporativa da categoria (produtor rural) e o conseqüente isolamento entre os empresários urbanos. Sua candidatura provocou, ainda, conflitos internos no seio da entidade. O presidente em exercício da UDR no Maranhão, se declarou contrário ao fato da entidade assumir a candidatura de Caiado e pediu separação entre as duas coisas.

"O próprio presidente nacional em exercício, o Paulista Roque Roosevelt dos Santos, chega a dizer à imprensa: 'A UDR é uma coisa, a campanha de Ronaldo é outra'".
(CPT, p.7).

Mas, Caiado candidatou-se e utilizando de uma linguagem e postura de produtor rural, confrontou, principalmente com o Partido dos Trabalhadores. No entanto, sua votação foi bem inferior ao que se esperava.

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

- "Meu povo, a força vem do interior". (Dizia ele durante a campanha) - Não veio.

Observe as tabelas:

CAIADO - ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS - 1989

1. VOTOS POR REGIÃO		2. VOTOS NOS ESTADOS DA REGIÃO CENTRO-OESTE	
REGIÃO	VOTOS	ESTADO	VOTOS
Norte	0,57%	Goiás	4,12%
Nordeste	0,42%	Distrito Federal	0,39%
Sul	0,81%	Mato Grosso	1,25%
Centro Oeste	2,35%	Mato Grosso do Sul	1,26%
Sudeste	0,56%		

FONTE: Jornal do Brasil - 21.11.89

Obteve 0,68% dos votos a nível de Brasil, ficando na 10.^a colocação, não atingindo nem o 1% que a pesquisa lhe previa. Na Região Centro-Oeste, onde teve a maior expressividade de votos, comparado com as outras regiões, foi o 8º colocado, e desta foi no Estado de Goiás, que possivelmente por ser seu Estado de origem, onde teve uma maior votação, ficando em 7.^a colocação. É interessante também destacar o Estado do Tocantins, que até bem pouco tempo fazia parte do Estado de Goiás, pertencendo, portanto, à Região Centro-Oeste, lá obteve 1,56% dos votos, ficando em 8º lugar. É um estado onde o conflito de terras é intenso e existem várias sedes da UDR.

Sem dúvida essa maior votação no Centro-Oeste tem um aspecto significativo como uma expressão da região, contudo é necessário salientar que a sua performance eleitoral foi bem inferior à expectativa. O processo de democratização no Brasil, apesar dos trope

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

ços, nos parecia ser um fato irreversível.

Posteriormente Caiado se candidata a Deputado Federal no Estado de Goiás. Sem perder sua imagem de produtor rural, mas colocando em primeiro plano uma postura de médico - artimanha que possivelmente veio como aprendizagem da campanha presidencial. Desta vez teve saldo positivo. Tornou-se o candidato que mais obteve votos nas eleições de 1990.

O que nos parece este fato? Será o resgate e legitimação do poderio da antiga elite dominante de Goiás?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relativamente recente o enfoque do regionalismo na Geografia Regional Brasileira. E aqui não se pretendeu dar respostas, mas levantar questionamentos, reflexões e buscar novos caminhos científicos para a compreensão da realidade social. Tentando não perder de vista a perspectiva do movimento global da sociedade, para não incorrer no risco de limitar e restringir o alcance da abordagem.

É importante ressaltar os objetivos da Geografia Regional colocados no final do trabalho de Anne Gilbert - que a mesma não deve ser apenas o entendimento do espaço e tempo, mas um instrumento para a ação e transformação para um mundo melhor - fazendo uma ciência útil para a sociedade.

Que o desvendamento das máscaras sociais, seja socializado, na esperança que a prática do regionalismo, venha a ser um instrumento de resistência e preservação da cultura popular e não para práticas políticas espúrias. Construir uma História em que o uso da ideologia para cooptação dos movimentos sociais faça parte do passado. Que o processo de democratização da sociedade seja pleno, onde todos possam ter no exercício da cidadania o acesso à distribuição econômica, política e cultural do País.

Pois a sociedade no seu permanente devir, já está desmistificando a figura do coronel, demonstrando perceber que ele carrega o santo na frente da procissão, é padrinho de seus filhos, porém também explora, manipula e até mesmo assassina trabalhadores.

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

E nada incomoda mais a elite dominante, do que a massa sair da inércia e se assumir como agentes sociais coletivos da História, redefinindo regras, papéis e reconstruindo o espaço.

Finalmente, é relevante destacar que no tocante à questão regional do Centro-Oeste, suas especificidades são evidenciadas, no entanto a questão continua em aberto para estudos mais aprofundados e com maior fundamentação teórica.

ABSTRACT

The text tells us about the relation between region and regionalism, through of a vision of totality, where the concept of region is built in a perspective of relation among social, economic and politics processes.

Based in the analysis of criation of UDR (Rural Democratic Union) questioned about the existence or not of a regional identity of the "West-Center" region. This identity is put how a result of dinamism of social and cultural bases that permeat the relation between space and politics influencing thus, in regional limits of territory.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BOBBIO, N. Teoria das Elites. In: Dicionário de Política.
2. BRITO, Luiz Navarro de. Política e Espaço Regional. São Paulo, Nobel, 1986.
3. BRUNO, Ernani Silva. História do Brasil - Geral e Regional. São Paulo, Ed. Cultrix, 1967.
4. CASTRO, Iná Elias de. Considerações sobre o Regionalismo. In: Anuário do Instituto de Geociências, 1986.
5. _____. O Mito da Necessidade. Discurso e Prática do Regionalismo Nordeste. In: LAGET, Textos 2, 1989.
6. _____. Política e Territórios: Evidências da Prática Regionalista no Brasil. DADOS (no prelo).

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

7. COSTA, Rogério Haesbaert. RS - Latifúndio e Identidade Regional. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
8. COUTINHO, Carlos N. Gramsci - Um Estudo sobre seu Pensamento Político. Rio, Campus, 1989.
9. CPT - A UDR, A Sucessão Presidencial e a Questão da Democracia (mimeografado).
10. CPT et alii - A Ofensiva da Direita no Campo (mimeografado).
11. CPT. UDR. A Campanha Eleitoral do Latifúndio (mimeografado).
12. _____. União Democrática Ruralista (mimeografado).
13. DANIEL, Celso. Poder Local no Brasil Urbano. In: Espaço e Debates, nº 24, 1988.
14. DULONG, R. A Crise da Relação Estado Sociedade Local vista Através da Política Regional. In: Estado em Crise. N. Poulantzas (org.). Rio, Graal, 1977.
15. GILBERT, Anne. The New Regional Geography in English and French Speaking Countries.
16. Jornal Folha de São Paulo - 27.06.1988.
17. Jornal o Globo - 19.07.1987.
18. LIPIETZ, Alain. O Capital e seu Espaço. São Paulo, Nobel, 1986.
19. MAFFESOLI, Michel. A Conquista do Presente. Rio, Rocco, 1984.
20. _____. A Sombra de Dionísio. Rio, Ed. Graal, 1985.
21. MARKUSEN, Anne R. Região e Regionalismo: um Enfoque Marxista. In: Espaço e Debates, 1(2), 1981.
22. MASSEY, Doreen. Regionalismo: Alguns Problemas Atuais. In: Espaço e Debates. 1(4), 1981.
23. MASSOLO, Alejandra. Em Direção às Bases: Descentralização e Município. In: Espaço e Debates nº 24, 1988.
24. MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. S. Paulo, Brasiliense, 1981.
25. PORTELLI, Hugues. Gramsci e o Bloco Histórico. São Paulo, Paz e Terra, 1987, 4^a ed.
26. PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. S. Paulo, Brasiliense, 1987, 35^a ed.
27. _____. História Econômica do Brasil. S. Paulo, Brasiliense, 1987, 35^a ed.

SILVA, Eunice I. A Região como Resultado de Múltiplos Processos. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).38-53. Jan./Dez.1991.

28. SCHIERA, Pierangelo. Estado Moderno. In: Dicionário de Política. N. Bobbio.
29. VERGOPOULOS, Kostas. Estado e Sub-desenvolvimento. In: Economia e Política, 1(3), jun., 1982.